



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

EFEITO DA COR/RAÇA SOBRE A RENDA DO TRABALHO

BARBARA COSTA

SILAS FÉLIX

2018

1. INTRODUÇÃO

O período de mais de 300 (trezentos) anos onde o qual o Brasil teve seu modo de produção baseado no trabalho de negros escravizados ainda hoje pode ser sentido e observado na estrutura do mercado de trabalho brasileiro. Mesmo após o fim oficial da escravidão no Brasil, a população negra não consegue se inserir socialmente, nem no novo mercado de trabalho que surge após o período escravocrata, mercado esse que foi reservado para os imigrantes, principalmente europeus, que iriam substituir a mão de obra negra escrava na nova política de migração e repovoamento do Brasil, empurrando a população negra de ex-escravos para as margens do novo modelo de produção, sem nenhuma política de reparação social.

Essa estrutura social deixada pelo período escravocrata, mesmo 130 anos após sua abolição, ainda mantém a população negra em baixo da pirâmide de distribuição de rendimentos no Brasil. Pedro C. Chadarevian, para medir a desigualdade racial no Brasil, constrói o IHR (Índice de Hierarquização Racial), que mede a proporção relativa de Brancos e Não Brancos na elite econômica em um país ou região:

$$\text{IHR} = 100 - \frac{(P_b - P_n)}{P_b} \times 100$$

Ao aplicar esse modelo no Brasil, França, EUA e Inglaterra, obtém os seguintes resultados:

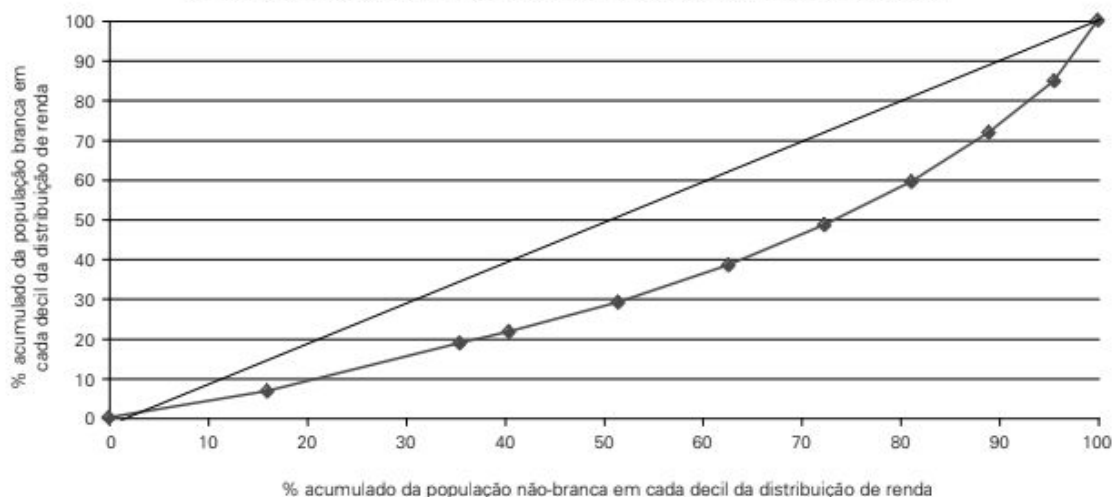
Tabela 1: Índice de hierarquização racial (IHR), para países e anos selecionados*

Pais	Elite branca	Elite não branca	IHR
Pior situação	n	0,0	0,0
Brasil			
Escravidão	3,0	0,1	3,3
1930**	7,0	1,0	14,3
1950	9,8	3,6	36,7
1982	14,1	5,6	39,7
2003	16,1	5,9	36,6
França***			
1998	33,7	14,1	41,8
EUA****			
1910	12,2	2,2	18,0
1950	18,4	5,4	29,3
1985	28,1	17,2	61,2
2000	32,6	19,9	61,0
Grã-Bretanha			
2004	27,2	23,7	87,1
Igualdade	n	n	100,0

* O cálculo do índice tem como base trabalhadores em idade ativa nos países selecionados. ** De acordo com Bastide e Fernandes (1955, p. 80). *** A divisão considera apenas pessoas de origem francesa, de um lado, e, de outro as de origem árabe. **** Excluídos hispânicos e asiáticos.
Fontes: IBGE, FASILD, US Census Bureau, Annual Population Survey (UK).

A partir desses dados faz a seguinte análise “Temos, na realidade, quatro casos representativos de dois modelos distintos de gestão política do problema racial: o modelo intervencionista (na GB e EUA), e o modelo não intervencionista (Brasil e França). Enquanto os primeiros aplicam, desde a década de 1960, uma legislação rígida no combate à discriminação no mercado de trabalho, os últimos têm se recusado a fazê-lo, preferindo priorizar o modelo meritocrático de igualdade de oportunidades. Nos EUA, introduziram-se medidas de ação afirmativa no novo código do trabalho, adotado a partir de 1964. O modelo inglês se baseia em uma série de medidas inauguradas com o Race Relations Act, de 1965” (Chadarevian, 2011). O mesmo Chadarevian ainda desenvolve a curva de desigualdade social, uma adaptação da curva de Lorenz que mostra a apropriação da renda por negros e não negros, em que se configura “um quadro clássico de desigualdade de rendimentos em uma dada estrutura de distribuição. A apropriação que se faz da renda nacional beneficia muito mais aos brancos que aos não brancos” (Chadarevian, 2011).

Gráfico 3: Curva de desigualdade racial de rendimentos, Brasil 2003



Fonte: PNAD-IBGE.

É nítido a diferença de rendimentos entre negro e brancos no Brasil, Márcia Leite Borges aponta isso quando compara a renda média da população brasileira em 2009 por cor e raça, onde “pode verificar que a renda média recebida pelos homens negros corresponde a 55,9% do valor da renda dos homens brancos. E quando comparada a renda das mulheres negras, estas recebem apenas 36,51% do valor médio recebido pelos homens brancos” (Borges, 2011).

Brasil: Renda média da população, segundo sexo e cor/raça, 2009.
(Valores em Reais)

Ano	Homens Brancos	Homens Negros	Mulheres Brancas	Mulheres Negras
2003	931,10	428,30	554,60	279,70
2009	1491,00	833,50	957,00	544,40

Fonte: IPEA (2011)

O Homem Branco e a Mulher Negra estão sempre nos extremos dos rendimentos, não importa qual período faça a comparação, mostrando a dupla dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, pelo gênero e pela cor da pele, tendo as mulheres negras um maior percentual de

desemprego também, e quando empregadas, estão em grande parte no setor de serviços sociais e domésticos. No Brasil, “As diferenças salariais demonstram que a cor da pele ainda influencia na remuneração, sendo que, muitas vezes não é capacidade, merecimento ou escolaridade que determina essa diferenciação, mas sim a cor da pele” (Borges. 2011).

Geruza de Fátima Tomé em seu artigo constata que “os negros têm maior participação no mercado de trabalho nas faixas etárias mais extremas, antes dos 16 anos e depois dos 40 anos de idade, o que revela a maior necessidade desta população se inserir na infância no mercado de trabalho e, por outro lado, de permanecer por muito mais tempo do que os “não-negros” trabalhando” (Tomé, 2004). Portanto além de ser menor remunerados, permanecem mais tempo economicamente ativos, além disso, são também a população que tem a maior taxa de desemprego em todas as regiões metropolitanas em que a PED é realizada, essa situação se repete mesmo “quando comparada às taxas de desemprego por nível de escolaridade segundo a cor da pele, principalmente nas regiões onde os negros estão presentes em maior número, como no nordeste” (Tomé, 2004), evidenciando sua posição na base da pirâmide social da estrutura produtiva e o racismo estrutural brasileiro, que segue subjugando os negros mesmo sem que oficialmente não exista nenhum tipo de barreira declarada.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é demonstrar os determinantes da renda do trabalho e conseguir mensurar o quanto a cor/raça influencia nessa renda, comprovando assim a tese que negros/as têm desvantagem em relação a população branca mesmo com o nível de escolaridade equiparado, no que diz respeito do acesso ao emprego e remuneração, evidenciando assim o caráter racista do mercado de trabalho brasileiro.

2. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Nesta parte iremos demonstrar as variáveis que foram manuseadas para realizar esse trabalho. Os dados foram retirados da PNAD contínua de 2017, onde selecionamos para ser a variável dependente (y), a renda efetiva do trabalho principal, e sendo as variáveis independentes duas *dummies*, uma para negros=1 e não negros=0 e outra para sexo, sendo

mulher=1 e homem=0, tendo ainda as variáveis anos de estudo e idade do indivíduo, sendo essa última entre 14 e 65 anos. Os dados trabalhados foram apenas de pessoas que trabalham no setor privado, englobando todas as regiões pesquisadas na base de dados escolhidos.

Na Tabela 1 são informadas a média (Mean); o desvio padrão (Std. Dev.); o mínimo (Min) e o máximo (Max) das variáveis da PNAD CONTÍNUA para o ano de 2017.

Tabela 1 - Medidas descritivas das variáveis dependentes e independentes

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
ln_renda	101707	7.226752	.759617	2.70805	13.12236
negro	104242	.5674104	.4954374	0	1
mulher	104242	.3528712	.4778654	0	1
idade	104242	35.08465	11.62863	14	65
idade²	104242	1366.156	887.6418	196	4225
educ	104242	9.351989	3.94135	0	15

De acordo com esta tabela, verifica-se que a idade média dos indivíduos pesquisados são de 35 anos, com 9 anos de educação em média, sendo que o máximo de anos estudados são de 15 e o mínimo de 0, sem nenhum grau de instrução. Também observa-se que a maioria das pessoas pesquisadas que estão no setor privado são homens negros. E por fim, as mulheres são as menos encontradas no setor privado.

A tabela 2 mostra a correlação das variáveis descritas no modelo, estando a *renda* em logaritmo e capturando a correlação em termos percentuais.

Tabela 2 - Correlação entre as variáveis

	ln_renda	negro	mulher	idade	idade ²	educ
ln_renda	1.0000					
negro	-0.2261	1.0000				
mulher	-0.0056	-0.0900	1.0000			
idade	0.2013	-0.0323	-0.0458	1.0000		
idade ²	0.1694	-0.0346	-0.0537	0.9866	1.0000	
educ	0.3828	-0.1869	0.2641	-0.2575	-0.2692	1.0000

Com essa tabela, observamos que o negro tem correlação negativa com todas as variáveis, demonstrando a vulnerabilidade social que historicamente os mesmos se encontram no país. Confirmando assim que os negros têm o salário inferior, entram no mercado de trabalho mais cedo, logo tem mais dificuldade no acesso à educação. Pode-se observar que as mulheres têm também correlação negativa com a renda, mostrando que, caso o indivíduo seja uma mulher negra sofre dupla diminuição na renda, entretanto as mulheres apresentaram uma correlação positiva perante a educação, o que conclui que mesmo estudando mais continuam na base da pirâmide de distribuição de renda.

Ainda nesta tabela pode-se verificar a correlação positiva entre as variáveis educação e idade com a renda, mostrando que quanto mais anos de estudo o indivíduo tiver, maior será sua renda e também quanto maior a idade da pessoa, espera-se mais experiência profissional logo, a expectativa de renda aumenta.

3. RESULTADOS

A partir dessa apresentação teórica e das estatísticas descritivas, podemos concluir com os resultados do respectivo problema analisado. Com isso, obtiveram-se resultados no Stata, o qual foi efetuado em regressão múltipla a partir dos *Mínimos Quadrados Ordinários* (MQO), sendo o modelo utilizado em log-nível.

Tabela 3 - Regressão múltipla de MQO em corte transversal

```
reg ln_renda negro mulher idade idade² educ
```

Source	SS	df	MS			
Model	17395.0329	5	3479.00659	Number of obs =	101707	
Residual	41291.1631101701		.406005478	F(5,101701) =	8568.87	
Total	58686.1961101706		.577018033	Prob > F =	0.0000	
				R-squared =	0.2964	
				Adj R-squared =	0.2964	
				Root MSE =	.63719	

ln_renda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
negro	-.2224592	.0041234	-53.95	0.000	-.2305409	-.2143774
mulher	-.2106438	.0043354	-48.59	0.000	-.2191411	-.2021465
idade	.0778007	.0010568	73.62	0.000	.0757294	.0798719
idade²	-.0007643	.0000139	-55.08	0.000	-.0007915	-.0007372
educ	.0883098	.0005575	158.40	0.000	.0872171	.0894024
_cons	4.909856	.0196751	249.55	0.000	4.871293	4.948419

Perante a nossa análise do efeito da cor/raça sobre a renda do trabalho, podemos obter tais resultados acima. Dessa forma, constatamos que as pessoas negras recebem, no Brasil, em torno de 22,24% a menos que pessoas não negras, mostrando novamente o impacto da cor/raça e a vulnerabilidade social que se apresenta até os dias de hoje. Como também, esse modelo nos mostra que as mulheres recebem 21,06% a menos que os homens. Já a variável idade, demonstra que um ano de vida para o indivíduo, acrescenta em torno de 7,78% na renda e um ano a mais de educação, acrescenta em torno de 8,83%. Não esquecendo o R2, cujo valor é de 29,64%, medindo a variabilidade da renda do trabalho que é explicada pelas variáveis independentes colocadas no modelo. O teste F indica que todas as variáveis são estatisticamente significantes conjuntamente no intervalo de confiança de 95%.

Em seguida, foi investigada a possível existência de heterocedasticidade no modelo, sendo que esta não causa nem inconsistência nem torna o modelo viesado. Com isso, foi utilizado dois testes o de Breusch-Pagan e o de White, apresentados logo abaixo:

Teste de Heterocedasticidade de Breusch-Pagan


```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
Ho: Constant variance
Variables: fitted values of ln_renda

chi2(1)      =    75.28
Prob > chi2  =    0.0000
```

O primeiro teste feito foi o de Breusch-Pagan, com o resultado apresentado na *tabela 4*, o qual indica desacordo com a hipótese nula mostrando assim, heterocedasticidade no modelo, pois o p-valor deu igual a zero.

Teste de Heterocedasticidade de White

```
White's general test statistic : 3099.165 Chi-sq(17) P-value = 0
```

O segundo teste foi o de White, também comprova o mesmo efeito no teste White, o qual também apresentou o p-valor igual a zero, apresentado na *tabela 5*. Dessa maneira, como em ambos os testes foram apresentados resultados com a presença de heterocedasticidade, a correção de White foi feita e está presente na tabela abaixo:

Resultado da regressão do logaritmo da renda sobre a cor/raça após a correção de White

Linear regression		Number of obs = 101707				
		F(5,101701) = 6197.98				
		Prob > F = 0.0000				
		R-squared = 0.2964				
		Root MSE = .63719				
ln_renda	Coef.	Robust Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
negro	-.2224592	.0040119	-55.45	0.000	-.2303225	-.2145959
mulher	-.2106438	.0041752	-50.45	0.000	-.2188273	-.2024604
idade	.0778007	.0011269	69.04	0.000	.0755919	.0800094
idade*	-.0007643	.000015	-51.05	0.000	-.0007937	-.000735
educ	.0883098	.0006609	133.61	0.000	.0870144	.0896052
_cons	4.909856	.0209645	234.20	0.000	4.868766	4.950946

Concluindo que essa correção não fez com que se alterasse em quase nada os “desvios-padrão”. As variáveis continuaram estatisticamente significantes conjuntamente e também não teve nenhuma mudança muito grande em relação aos coeficientes das variáveis. Ficando assim a equação de nosso modelo da seguinte forma: $\ln_renda = 4.909856 - 0.2224592negro - 0.2106438mulher + 0.0778007idade - 0.0007643idade^2 + 0.0883098educ$.

Teste Reset

```
Ramsey RESET test using powers of the fitted values of ln_renda
Ho: model has no omitted variables
F(3, 101698) = 641.22
Prob > F = 0.0000
```

Como pode observar pelo Teste Ramsey, o resultado caminha em direção da rejeição da hipótese nula, existindo uma considerável omissão de variáveis e também uma má especificação da forma funcional do modelo feito. Dessa forma, fica claro que o modelo está precisando de ajustes, acreditamos que a introdução de variáveis e talvez de mais variáveis quadráticas, pois existiu uma relativa restrição perante a base de dados utilizada.

REFERÊNCIAS

CHADAREVIAN, Pedro C. Para medir as desigualdades raciais no mercado de trabalho.

Revista de Economia Política, vol. 31, no 2 (122), pp. 283-304 abril-junho/2011.

BORGES, Márcia Leite. **Desigualdades Raciais e o Mercado de Trabalho no Brasil**. 6 f.

TOMÉ, Geruza de Fátima. Racismo: o negro e as condições de sua inserção no mercado de trabalho brasileiro no final da década de 90. **Revista Urutágua** - revista acadêmica multidisciplinar, Paraná, Quadrimestral – No 06 – Abr/Mai/Jun/Jul.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pnad Contínua**, Brasil, 2017.